

DIACRONIA

MATTOSO CÂMARA E O ESTUDO DE VERBOS¹⁷

João Bortolanza (UEL)
jbortolanza@uol.com.br

Relevante a contribuição de Mattoso Câmara para o estudo dos verbos, sobretudo com *História e Estrutura da Língua Portuguesa e Estrutura da Língua Portuguesa*, esta incompleta (1970), póstuma a primeira (edição em inglês de 1972). Muito ainda há para aprender com essas obras, até porque a reflexão do Autor em ambas ficou-nos incompleta, posto que veio a falecer antes de concluí-las. O que me intriga, e a cada ano que passa mais ainda, é tentar desvendar por que os falantes da língua passam tantos anos na escola “aprendendo o português” – que já sabem – e sentem tamanha dificuldade em aprender os verbos – que também já sabem. Por outro lado, o sistema verbal é tão extenso, tão complexo, tão complicado, que até uma simples criança o apreende.

Vale dialogar com alguns aspectos basilares dessas duas indispensáveis obras do ilustre homenageado lingüista e filólogo Joaquim Mattoso Câmara Júnior, tentando ir à essência de nosso sistema verbal – sincronicamente português, mas latino em sua diacronia – à busca desses elementos mínimos tão simples que não escapam à percepção de uma simples criança.

Proponho-me a partir de uma sugestão de tabela latino-portuguesa e tecer algumas considerações na linha do que me propus, “tentar achar o elo perdido” no ensino de verbos:

No capítulo VII de *História e Estrutura da Língua Portuguesa* (1975), com o título de “As conjugações perifrásticas”, magistralmente refere-se às “Perífrases de Formas Verbais” – o que vamos destacar – e as “Perífrases de Formas Verbo-Pronominais”, também lapidar, seja ao referir-se à voz medial ou depoente, seja “Perífrase verbo-pronominal na terceira pessoa”.

¹⁷ Conferência proferida no XI CNL, na UERJ, a 29 de agosto de 2007.

Propoñomoe a partir de uma sugestão de João da Silva Lino-portuguesa e reter algumas considerações na linha do que em e português "tentar achar o elo perdido" no ensino de verbos.

→	INFECTUM	→	PERFECTUM	→SUPINUM		
→	AM-O,-AS,-ARE	→	AMAV-I	→	AMAT-UM		
→	DELE-O,-ES,-ERE	→	DELEV-I	→	DELET-UM		
→	DICO,-IS,-ERE	→	DIX-I	→	DICT-UM		
→	AUDI-O,-IS,-IRE	→	AUDIV-I	→	AUDIT-UM		
→	Indicativo	→	Subjuntivo	→	Subjuntivo		
→	AM-O	→	AM-E-M(I)	→	AMAV-I		
→	→	→	dele-A-m-(II-IV)	→	AMAV-ERI-M		
→	amā	→	que ame	→	amai-(tento-amado)		
Pretérito	→	AMA-BA-M	→	AMA-RE-M	→	AMAV-ERA-M	
→	amāvā	→	que amasse	→	amārs-(tinha-amado)	→	que tivesse-amado
Futuro	→	AMA-B-Ō,-Ē,-Ū	→	AMA-B-Ū	→	AMAV-ĒR-Ō	
→	Dic-A-m,-E,-Ū	→	→	→	→	→	
→	amāvē	→	se amiar	→	tentā amado	→	se tiver-amado
Condição	→	AMA-RE-M	→	→	→	AMAV-ISSE-M	
→	amācō	→	se amasse	→	tentā amado	→	se tivesse-amado
→	→	→	→	→	→	→	

DIACRONIA

Em referência à incorporação de TEMPOS COMPOSTOS (grifo meu) com o auxiliar *TER* na conjugação flexional “simples”, Said Ali (1931, 180) insurgiu-se com razão contra um critério que rompe a estruturação morfológica das expressões verbais. É preciso respeitar a existência de *dois sistemas distintos*, embora correlatos, ou, pelo menos, de “dois ramos de um sistema significativo (Glinz, 1953, p. 374), *que são a flexão do radical e a perífrase* e correspondem a intenções categóricas distintas. [...] Assim, a chamada “voz passiva” em português não tem caracterização morfológica. (Mattoso Câmara Jr, 1975, p. 167) (grifos meus).

“As CONJUGAÇÕES PERIFRÁSTICAS se dispõem numa série, a rigor aberta, em ordem decrescente da intensidade da significação lexical do auxiliar. Nessa escala, são mais ou menos *gramaticalizadas*. Na gramaticalização mais forte, o auxiliar está com a significação lexical esvaziada e se tornou um mero índice da categoria que se destina a exprimir.

A tradição gramatical portuguesa é separar, por esta última circunstância, dois modelos de composição, que são especificamente chamados “*tempos compostos*”:

1) a locução do verbo *SER*, em todas as suas formas flexionais, e um particípio perfeito que, sob o nome de “VOZ PASSIVA”, é apresentada como uma contraparte da conjugação flexional ativa;

2) as locuções de alguns tempos do verbo *TER* com um particípio perfeito normalmente invariável, que são *incorporadas à série de tempos de formas flexionais unas*. As demais construções é que se consideram propriamente “conjugações perifrásticas”. (Mattoso Câmara Jr, 1975, p. 167). (grifos meus).

Assim se estabeleceu, nas línguas românicas, um modelo de oração nominal {voz passiva} com um particípio perfeito, no predicado, atribuindo a um sujeito o resultado de uma atividade que o atingiu. As CONJUGAÇÕES PERIFRÁSTICAS devem ser entendidas, ao contrário, como processo de formação morfológica na base de uma locução, isto é, *dois vocábulos fonológicos e morfológicos que se associam numa unidade lexical superior*. Podemos classificá-las em função da forma nominal que utilizam: particípio perfeito, gerúndio, infinitivo. (Mattoso Câmara Jr, 1975, p. 169). (grifos meus).

O português é das línguas românicas a que melhor conserva o *valor primitivo da locução*. Por isso Said Ali a caracteriza como um “PERFECTIVO”, à maneira eslava (Ali, 1931, p. 180). Podemos dizer, mais rigorosamente, que é um PERFEITO, *delimitado no tempo pelo auxiliar*. Há um perfeito perifrástico de presente (*tenho amado*), de pretérito (*tinha amado*), de futuro (*terei amado, teria amado*) e também um subjuntivo (*tenha amado, tivesse amado, tiver amado*), um infinitivo (*ter amado*) e um gerúndio (*tendo amado*) (Mattoso Câmara Jr, 1975, p. 170).

[...] No FUTURO DO PRESENTE, o PERFEITO DO FUTURO *e-quivale a um futuro anterior* a outro;

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

e, no uso modal, (para a irrealidade), do FUTURO DO PRETÉRITO, o FUTURO DO PRETÉRITO NO PERFEITO projeta a irrealidade para antes do momento atual.” (*ibid.*, p. 171). (grifos e paginação meus).

Quanto às FORMAS NOMINAIS, no capítulo XII da *Estrutura da Língua Portuguesa* (1970, reimpresso em 2006 pela Vozes, 38^a ed.), no item final (nº 51) diz:

Resta uma apreciação semântica, nas mesmas linhas, das chamadas formas nominais, cujos nomes tradicionais são – *infinitivo, gerúndio e participio*.

Aqui, a oposição é aspectual e não temporal.

O INFINITIVO é a forma mais indefinida do verbo. A tal ponto, que costuma ser citado como o *nome* do verbo, a forma que de maneira mais ampla e mais vaga resume a sua significação, *sem implicação das noções gramaticais de tempo, aspecto ou modo*.

Entre o GERÚNDIO e o PARTICÍPIO há essencialmente uma oposição de aspecto: o gerúndio é “imperfeito” (processo inconcluso), ao passo que o participio é de aspecto conclusivo ou perfeito. O *valor de pretérito ou de voz passiva* (com verbos transitivos) que às vezes assume, não é mais que um subproduto do seu valor de aspecto perfeito ou conclusivo. (Mattoso Câmara Jr, 2006, p. 102-103). (grifos meus).

Entretanto, o PARTICÍPIO foge, até certo ponto, do ponto de vista mórfico, da natureza verbal. É no fundo um *adjetivo* com as marcas nominais de feminino e de número plural em /S/. Ou em outros termos: é um adjetivo que semanticamente expressa, em vez de qualidade de um ser, um processo que nele se passa. *O estudo morfológico do sistema verbal português pode deixá-lo de lado*, porque morfológicamente ele pertence aos adjetivos, *embora tenha valor verbal no âmbito semântico e sintático*.

O GERÚNDIO, ao contrário, *é morfológicamente uma forma verbal*. Mesmo como determinante de um substantivo (para indicar um processo que nele se passa) não concorda com ele nem em número nem em gênero. (Mattoso Câmara Jr, 2006, p. 103). (grifos meus).

Uma discussão em aberto – um outro assunto a merecer um aprofundamento e, de minha parte, uma outra conferência – é partir da própria Nomenclatura de FORMAS NOMINAIS do VERBO. Seriam apenas flexões do verbo “considerado enquanto nome”? As três flexões remanescentes –R, -DO, -NDO excluiriam os “Tempos Compostos” e a “Voz Passiva”?

DIACRONIA

Como VERBOS, mantêm de fato a voz passiva e o Tempo-Apresente, pelo menos o Substantivo Verbal (INFINITIVO) e o Adjetivo Verbal (PARTICÍPIO). → Tabela latino-portuguesa: fica um princípio de debate: ¶

Tabela (su gerida): AS FORMAS NOMINAIS LATINO-PORTUGUESAS ¶

	INFINITIVO	INFINITIVO	GERUNDO	→	GERUNDO	→	PARTICÍPIO	→	PARTICÍPIO ¶
	ATIVO	→	PASSIVO	→	ATIVO	→	PASSIVO	→	ATIVO
∅	AM-ARE	→	AM-ARI	→	AM-AND- o -um	→	AM-ANS- is -i	→	qui amantur ¶
→	amant	→	seramado	→	de, p, amar, amando	→	...endo amado	→	que-amado ¶
¶									
Pastor	AM-AT- AV -ISSE	→	AM-AT-UM- esse -	→	→	qui amavit ¶	→	AM-AT- US -a-um ¶
→	ter, amado	→	ter,ido amado	→	tendo amado	→	tendo sido amado	→	que-amou
¶									
Futuro	AM-AT-URUM- esse -	→	AM-AT-UM- ij -	→		→	AM-AT-URUS- is	→	AM-ANDUS- is
→	laver, de amar	→	laver, de ser amado	→	endo amado	→	laver, de amar	→	que-las-de-ser amado ¶

Observem-se estes exemplos criados com o intuito de transformá-los numa seqüência narrativa – embora repetitiva – mas que revele

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

o Sistema Verbal numa “totalidade” aspecto-temporal dos Modos Indicativo e Subjuntivo:

Um lobo ENCONTRA um cordeiro
O cordeiro lhe SUJAVA a água?
O lobo IRÁ DEVORÁ-lo (o devorará).
O cordeiro ARGUMENTOU
TERÁ FALADO mal dele
quem ainda não NASCERA (TINHA NASCIDO)?

Até aqui um Modo (Indicativo) e 2 ASPECTOS (Imperfeito ou inacabado e Perfeito ou concluído). Cada Aspecto com 3 TEMPOS:

- | | |
|-------------------------|--|
| 1. ∅ (não-marcado) | → Presente (inconcluso) e Pretérito Perfeito (concluído) |
| 2. Pretérito (anterior) | → Pretérito Imperfeito e Pretérito Mais-Que-Perfeito |
| 3. Futuro (posterior) | → Futuro (imperfeito) e Futuro Perfeito |

No Modo Subjuntivo se repete a estrutura aspecto-modo-temporal:

TEMO que um lobo ENCONTRE um cordeiro.
TEMIA que o cordeiro lhe SUJASSE a água.
Quando o lobo DEVORAR o cordeiro, VIRÁ a moral da história.
O lobo CASTIGOU o cordeiro, ainda que ele não lhe TENHA SU-
JADO a água.
O lobo já TINHA TOMADO a decisão, antes que o cordeiro TI-VESSSE
RESPONDIDO.
Tudo TERÁ FICADO claro, quando o lobo TIVER CONCLUÍDO a fal-
sa rixa.

Pode-se observar que tanto os 2 Aspectos, quanto os 3 Tempos de cada aspecto têm sua forma correspondente nos Modos Subjuntivo e Indicativo.

Algumas observações precisam ser feitas:

- O ASPECTO verbal não é levado em conta no ensino de verbos, a partir das gramáticas, e não foi completado por Mattoso Câmara.
- Os VERBOS AUXILIARES, embora não fazendo parte da flexão verbal, são de fundamental importância para a uma visão completa das “noções gramaticais do verbo”. Não seria por ser analítico que o português deixou de ter, por exemplo, o Pretérito Perfeito do Subjuntivo.

DIACRONIA

- c) A NOMENCLATURA usada no estudo dos verbos leva à incompreensão mais que à identificação da verdadeira base do complexo sistema verbal.

Creio oportuno voltar à aprendizagem de verbos “em criança”, quando, envolvidos numa estonteante mistura de sons, soubemos aos poucos separar as oposições mínimas dos fonemas, a montagem de sons para representar objetos e, o mais terrível dos desafios da esfinge, “OU DOMINAR OS VERBOS OU NÃO FALAR” (isto é, expressar idéias). Como será que, crianças, aprendemos os verbos?

Inicialmente, como bem identificou Mattoso:

O primeiro sistema, mais simples, é o usual na língua oral, opõe apenas, entre si, um presente e um pretérito (2006, p. 100).

Pois é esse primeiro sistema mais simples que a criança apreende. Para tanto há que dominar apenas o TEMA e o ASPECTO:

- go(s)to – como – engolo (gosta – come – engole)
- gostei – comi – engoli (gostou comeu – engoliu)

Juntamente vêm as tentativas de regularização, tão engraçadas para o adulto, mas tão profundas gramaticalmente, que creio estarem na base da verdadeira aprendizagem verbal:

- fazo, fazi X faze, fazeu
- sabo, sabi X sabe, sabeu
- i, iu, pedo (pido), engolo...

Entram em cena as desinências pessoais básicas correspondentes ao EU-VOCÊ (ELE) – bem de acordo com a visão egocêntrica típica dessa idade – nos tempos ZERO, não-marcados, enquanto desinências modo-temporais. Estabelece-se, portanto, um passo primeiro na expressão de idéias, opondo já os temas com as Categorias das conjugações, distinguindo os aspectos concluído e inconcluso, indiferente à oposição anterioridade-posterioridade, embora o tempo presente-pretérito se revele no imediatismo de sua fase concreta, algo assim como um fazer realizado ou em realização:

- Amanhã eu fazo; depois eu cato; depois eu como; depois eu engolo.
- Agora eu acabei; agora eu fazi; eu já engoli tudo.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

A segunda etapa começa a opor anterioridade e posterioridade e representa duas novas aquisições: a desinência modo-temporal do Pretérito Imperfeito (-ava / -ia), opondo I e II-III conjugações; a formação perifrástica do futuro imperfeito com o verbo IR (vou, vai) – mais que uma conjugação perifrástica na visão tradicional, um verdadeiro tempo composto:

- Eu sujava, eu comia, eu engolia; você (ele) sujava, comia, engolia (note-se que a desinência número-pessoal zero é fundamental)
- Eu vou brincAR, descER, saIR

Observe-se que já estão fixadas as conjugações que deram origem aos temas e a oposição entre I e II-III, como bem assinalou Mattoso.

Poderíamos seguir – e para isso basta observar os professores em ato que são nossas crianças – e tentar descobrir por que, sendo tão complexa a estrutura verbal, é apreendida por uma “simples” criança. O sistema verbal vem-se construindo com “inteligência” (ler-colher dentro < *intus legere*), sem professores que analisem (que sorte!), mas com interlocutor que instiga a responder a “ações concretas”, sempre levando em conta o egocentrismo da criança.

Algo precisa ser observado nesse “colher global caótico” – e nisso, vem a propósito a noção de sistema estruturado de Mattoso – que depois as escolas não retomam: **a criança “colhe pares positivos”**, mesmo que esses pares oponham **trios** (pessoas, tempos, conjugações”, portanto *ela só aprende “ler dentro” quando consegue na prática entender e aplicar a noção completa*. Os elementos mínimos dessa realidade que é o Verbo, elemento indispensável na expressão de idéias – ou a criança o domina ou não fala – se apresentam em sua **TOTALIDADE ESTRUTURAL**. É essa **TOTALIDADE DAS NOÇÕES MÍNIMAS** que a fazem reconhecer os *elementos mínimos* sonoro-fonéticos, base da palavra estruturada e significativa, para em seguida reconhecer esse complexo mundo de formas e significados que é o verbo em seus usos. Chegam aos borbotões aos seus agudos ouvidos, borbulham em golfada ininteligíveis – bem mais difíceis que as explicações de qualquer professor de português – e, no entanto, o pequeno computador binário da mente infantil, com a lentidão que não tem pressa de crescer, em poucos anos domina a essência dessa estrutura complexa, em elementos tão simples – que até criança aprende! –, mas tão precisos, que creio ser

DIACRONIA

preciso que os ilustres *DOCTORES* (ensinantes, docentes) das Letras tenham lá umas aulinhas desses filhos “que são o pai do homem”.

Está aí campo de pesquisa em aberto: como se dá a aquisição, concretamente, nesses meus filhos, sobrinhos, amiguinhos ou netos, dos verbos? Por exemplo, de 1 ano e meio a 3 anos; de 3 a 4 e meio etc.

Quando se dão conta que os verbos têm uma regularidade de tempos primitivos e derivados no caso dos ditos “irregulares”? Por exemplo: posso / pode / pude e seus derivados. Como se daria a aprendizagem que em pouco tempo faz o menino passar de “eu podó / você pode; eu podi / você podeu” e daí os característicos “se eu podesse, se eu poder” para o caminho da “irregularização” – tão genuinamente latina, que valeria falarmos que regulares mesmo são os irregulares!